



APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ FERNANDO AÍNSA: UM PRECURSOR – REESCRITAS DO PASSADO NAS ÚLTIMAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

*ZANDANEL, Maria Antonia (Universidad Nacional de Cuyo/Argentina)**

mazandanel@hotmail.com

*FLECK, G. Francisco (Universidade
Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE/Brasil)**

chicofleck@yahoo.com.br

*Tradução: LEVINSKI, Guilherme Luiz Marins
(UNIOESTE/Cascavel)* levinskiguy@gmail.com*

Aos estimados leitores, nossos cordiais cumprimentos.

A presente edição da *Revista de Literatura, História e Memória* vem prestar uma homenagem merecida e necessária ao crítico Fernando Aínsa por suas inúmeras contribuições aos estudos com os quais este dossiê se compromete. Entre os muitos artigos e livros produzidos por Fernando Aínsa, a temática da reescrita do passado pela ficção se faz muitas vezes presente, tema esse que nos toca profundamente como sujeitos latino-americanos.

Reescrever o passado, segundo as hipóteses apontadas pelo crítico de origem aragonesa, mas uruguaio por adoção, Fernando Aínsa, em seus breves, porém significativos ensaios sobre os temas que hoje nos ocupam, perfila uma das construções discursivas mais destacadas das últimas décadas do século XX e a primeira do XXI. Estas narrações marcam rumos e sinalizam caminhos. Denomina-

das hoje como Novos Romances Históricos, chamados também por Aínsa de Reescritas da História, constituem registros que põem de manifesto uma série de peculiaridades que realçam as características mais destacadas de certa narrativa das últimas décadas. É notável o reiterado interesse que o gênero desperta, sobretudo se levamos em conta que alguns críticos haviam falado já de seu desaparecimento, por esgotamento, em escritos precursores que se referem ao tema. Estes romances requerem uma visão aguda para distinguir as diferenças que se podem estabelecer entre o que consideramos aspectos cabalmente históricos e aqueles que com clareza pertencem ao âmbito da ficção. Fernando Aínsa traça em uma mínima síntese um panorama de períodos da historiografia que atraíram os escritores para textualizar, com um sentido crítico, momentos do passado histórico. Depois de superar a complexidade e o caráter experimental das formas do romance anterior, os escritores se interessaram e destacaram certos temas:

A nova ficção trata de embarcar na aventura de reler a histórica, voltando-se com olhos críticos para o período colonial, o iluminismo e a independência e, num sentido revisionismo, para o século XIX e o início do século XX. Aparentemente, depois que os trabalhos experimentais complexos dos anos 60 permitiram a entrada de toda sorte de influências, e após a latejante urgência dos anos 70, os romances teriam sentido a necessidade de incorporar o passado coletivo ao imaginário individual de uma perspectiva já decantada pelo tempo (AÍNSA, 2003, p. 75).

Para além das diferenças entre a historiografia e a escrita ficcional, Aínsa aponta para o fato de que ambas compartilham o uso do discurso para constituir sua releitura particular da história. A história e a ficção apelam ao discurso para dar forma às suas configurações específicas. Tal fato possibilita o descobrimento de diferenças epistemológicas distintivas entre ambas as formas de representação. Incorpora-se o universo referencial do exterior do texto no mundo ficcional com uma liberdade discursiva e interpretativa completa, possibilitando novas vias de representação. Diferentes momentos do passado serão resgatados, retorcidos, falsificados, e com frequência disputados ou repudiados, tal escrita buscará também os modos mais apropriados para representar os modelos nos quais se implante aquilo que se pretende ficcionalizar.

Os anos 80 são caracterizados por “uma forte tendência da ficção histórica latino-americana que, como tudo parece indicar, continuará dominando a atmosfera narrativa nos próximos anos” (AÍNSA, 1991, p. 15). A nosso entender, é em 1988 – quando Aínsa deixará no jornal *El Nacional* de Caracas um testemunho

inicial do fenômeno que, com o tempo, haveria de matizar as novas composições escriturais de cunho histórico – revela-se a intenção de transmutar um paradigma genérico que se originou com os romances de Walter Scott (1771-1832) e Alfred de Vigny (1797-1832). Novas escritas, de diversas formulações, contribuirão com uma série de características transgressoras que muito em breve formarão não um paradigma unívoco, mas um que levará mudanças significativas para dentro de cada romance, com o intuito de estabelecer novas formas de incorporação do material historiográfico no discurso ficcional.

Alguns anos mais tarde, em 1993, Seymour Menton, outro renomado pesquisador, tomou a dianteira no campo dos estudos do romance histórico, quando publicou uma obra singular: *La nueva novela histórica de La América Latina: 1979-1992*. Essa possivelmente é a obra mais citada do assunto, e a que teve mais repercussões na literatura latino-americana.

Ao estudar o assim denominado Novo Romance Histórico, os nomes de Fernando Aínsa e Seymour Menton se destacam como os mais importantes e pertinentes. Ambos reconheceram bem cedo a emergência literária do romance histórico e se empenharam em seu estudo. Ambos traçaram um quadro teórico visando delinear as características essenciais destes escritos e, para enfatizar suas características definidoras, eles também se aplicaram ao registro de obras que, num todo, constituem um rico *corpus* de leituras que demonstram a magnitude do gênero. Quanto ao quadro teórico, Menton reitera as características carnavalescas, ao passo que Aínsa confere mais significância à paródia (VIU, 2007, p. 90).

Reconhecendo as diversas modulações que cada um deles concedeu à série de delineamentos característicos do romance histórico em seus próprios quadros teóricos, Menton e Aínsa merecem o título de precursores nesses estudos. Não obstante, Menton prioriza o crítico literário uruguaio Ángel Rama como o primeiro a reconhecer a nova tendência e a dar-lhe um nome no prólogo de sua antologia *Novísimos Narradores hispano-americanos*, retrocedendo, para isso, ao ano 1981. Em *Marcha*, destaca como registros significativamente inovadores as obras *Yo el Supremo*, de Augusto Roa Bastos, e *a Terra Nostra*, de Carlos Fuentes, por terem essas produções dado um ponto final ao modelo romântico de Romance Histórico. Em 1983, no decorrer de conferências acadêmicas, Menton anunciou algumas ideias suas a respeito do novo romance histórico que ele mais tarde desenvolverá em sua importante obra.

Contudo, Aínsa foi, sem sombra de dúvida, um dos primeiros críticos que se aprofundou no estudo do fenômeno que se delineava naqueles tempos em nosso horizonte cultural latino-americano. Na verdade, ele apontou as principais

características desses escritos. Suas ideias deram início a uma série de documentos que em breve geraram uma variedade de ensaios teóricos, que, por sua vez, facilitaram a influência de suas reflexões sobre estudos de natureza diversa. Críticos literários se beneficiam das teorias de Aínsa na abordagem de suas próprias análises, e também no reconhecimento de uma profusão de similaridades e divergências que apareceram no gênero. Hoje em dia, tais páginas objetivam dar reconhecimento às profundas reflexões de Fernando Aínsa sobre o tópico.

Em muitos artigos de sua autoria, Aínsa dá testemunho de um novo modo de ficcionalizar a história e, *pari passu*, ele caracteriza o novo modo de escrita, de acordo com as abordagens particulares de dados históricos e da própria realidade, com um amplo e significativo *corpus* de obras produzidas no fim do século XX. Tais escritos adotam diversas formas para resgatar fatos do passado com um propósito que difere em grande escala de outros modos de visitar o passado para a satisfação de “uma busca por significado”. Reescrever a história é muito mais do que prestar um testemunho da “verdade”, o que é atualmente considerado com ceticismo, cuja legitimidade foi posta em questão, pretende revisitar o passado para alterar com liberdade os momentos que os documentos oficiais registram como autênticos.

Tais registros não se focam muito na objetividade dos testemunhos historiográficos relacionados aos fatos na narrativa mas, pelo contrário, tentam decifrar a história que foi silenciada, os fatos que foram escondidos e ignorados pelas mesmas testemunhas dos abusos. Como já repetidamente retirado pelos críticos, este novo modo de representar o passado nos romances históricos, de perspectivas intertextuais e polifônicas, sonda o passado para descobrir aspectos escondidos que os romances tradicionais tanto ignoraram. Quanto a esses aspectos característicos, Aínsa acrescenta o seguinte:

Os grandes princípios de identidade da América (Latina) são estruturados com mais eficiência, ou a denúncia contra as ‘versões oficiais’ da historiografia passam a coagular melhor, já que a liberdade permitida pela criação preenche os vazios e os silêncios, ou demonstram a falácia do discurso (AÍNSA, 1997, p. 113-114).

Aínsa fornece uma série de características dos novos modos de narração, com características identificáveis e marcas distintivas que as delinham. A taxonomia de Aínsa estabelece aspectos precisos de extrema utilidade quando da caracterização de uma obra. Anotamos baixo algumas de suas proposições:

- 1-O novo romance histórico faz uma releitura do discurso historiográfico oficial, cuja legitimidade é questionada.
- 2-O novo romance histórico aboliu a “distância épica” (Mikhail Bakhtin) do romance histórico tradicional, e ao mesmo tempo eliminou “a objetividade dos eventos” (Paul Ricoeur) inerente à história como disciplina.
- 3-A abolição da “distância épica” leva à desconstrução e “degradação” dos mitos constitutivos da identidade nacional.
- 4-A historicidade do discurso ficcional pode ser literal e seus referentes podem ser documentados minuciosamente ou, pelo contrário, o texto pode se vestir com os modos expressivos da história, embora ele provenha de uma “pura invenção” que mimetiza as crônicas e os relatos.
- 5-Um aspecto característico do novo romance histórico é a superposição de tempos diferentes.
- 6-Os múltiplos pontos de vista previnem que o romance apresente apenas uma verdade histórica.
- 7-Romances históricos possuem uma variedade de estilos expressivos muito diversos.
- 8-Como intuito de reconstruir ou desmistificar o passado, os novos romances voltam sua atenção à língua e ao uso das diferentes formas de expressão: arcaísmos, “pastiche” e paródia.
- 9-Um novo romance histórico pode ser o “pastiche” de outro romance histórico. (AÍNSA, 1991, p. 18-30)

Em sua pesquisa acadêmica, Aínsa abriu as portas para esses novos paradigmas, conforme aparecem em novos registros que têm causado reboição no mundo literário desde a segunda metade do século XX. O dilúvio de publicações avança e a crítica acerca desses escritos, que resgata o passado partindo de diversas perspectivas, continua inundando o campo dos estudos literários, dando atenção especial a registros, episódios, personagens e as diferentes modulações desses romances em alguns países latino-americanos: Argentina, Brasil, México e Chile.

Fernando Aínsa é um precursor, pois foi um dos primeiros críticos a apontar e definir os aspectos característicos do novo fenômeno de escrita. Outros críticos consolidaram os aspectos do novo modelo literário. Para além de suas múltiplas configurações, o modelo serviu para ampliar e fortalecer os estudos literários que, em primeira instância, levou em consideração um singular *corpus* de obras que elegiam *prima facie* a matéria histórica para sua formalização. Por outra parte, como consequência, assistimos ao desenvolvimento dos estudos críticos que haveriam de aprofundar o uso dos diversos aspectos já assinalados e que caracterizam estas produções cada vez mais distanciadas do modelo proposto por seus criadores e cuja vigência permanece inalterada até a atualidade. O retorno ao

passado se mantem como um desafio para os escritores ao longo do tempo.

Os textos reunidos nessa edição de nossa *Revista de Literatura, História e Memória*, que se dedica a homenagear nosso iluminado crítico, são exemplos do quanto os aportes de Fernando Aínsa a essa temática das leituras da História pela ficção são vigorosos e úteis para o trabalho de análise de nossa produção literária no campo dos gêneros híbridos da contemporaneidade. Desejamos a todos nossos estimados leitores um exercício de leitura e reflexão frutífero, assim como foi o de organizar esta edição especial da Revista.

Cordiais saudações dos organizadores: Maria Antonia Zandanel (UnCUYO - Mendoza/Argentina) e Gilmei Francisco Fleck (UNIOESTE/Cascavel-PR-Brasil).

REFERENCES

AÍNSA, Fernando. *El proceso de la nueva narrativa latinoamericana de la historia y la parodia*. El Nacional, Caracas, p. 7-8, 17 dic. 1988.

AÍNSA, Fernando. "La reescritura de la historia en la nueva narrativa latinoamericana". In: *Cuadernos Americanos (nueva época)*, México, 28, julio - agosto, 1991, p. 13-31.

AÍNSA, Fernando. "La nueva Novela Histórica Latinoamericana". In: *Hural*, 240, México, 1991, 82-85.

AÍNSA, Fernando. "Inención literaria y 'reconstrucción histórica en la nueva narrativa latinoamericana". In: Kohut, Karl (ed.). *La inención del pasado. La novela histórica en el marco de la posmodernidad*. Frankfurt - Madrid, Americana Eystettensia, 1997.

AÍNSA, Fernando. *Reescribir el pasado. Historia y ficción en América Latina*. Mérida, Venezuela, Celarg, El otro el mismo, 2003.

MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

RAMA, Angel. *Novísimos Narradores hispanoamericano*, en *Marcha*, 1964-1980. México, Marcha Editores, Primera Edición, 1981.

VIU, Antonia. *Imaginar el pasado, decir el presente. La novela histórica chilena (1985 - 2003)*. Santiago, Ril Editores, 2007.

NOTAS

- *Graduada en Letras en la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad Nacional de Cuyo (1974). Actualmente está terminando su tesis doctoral sobre *La configuración de la novela histórica moderna y sus variables en la producción narrativa de Arturo Uslar Pietri*. Es profesora Asociada Efectiva por Concurso de la Cátedra de Literatura Hispanoamericana II, del Departamento de Literaturas Modernas de la FFyL, U.N.Cuyo, Mendoza, Argentina. Organizadora invitada del Vol.7 n.9 de la *Revista de Literatura, História e Memória* "Reescritas do passado - uma homenagem a Fernando Ainsa".
- *Professor Adjunto da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE/Cascavel-Brasil, nas áreas de Literatura e Cultura Hispânicas, na Graduação, e nas áreas de Literatura Comparada e Tradução, no Programa de Pós-graduação em Letras. Doutor em Letras pela UNESP/Assis. Vice-líder do grupo de pesquisa "Confluências da Ficção, História e Memória na Literatura". Editor da presente edição da *Revista Literatura, História e Memória*, do Programa de Pós-graduação *strictu sensu* em Letras da UNIOESTE/Cascavel-PR/Brasil.
- *Acadêmico do curso de Letras Português/Inglês da Unioeste/Cascavel. Integrante do curso de extensão "Formação de tradutores: teoria e prática - uma perspectiva intercultural", vinculado ao PELCA- Programa de Ensino de Literatura e Cultura.
- 1 Devemos a Amado Alonso essa estranha premonição que vaticina o fim do romance histórico devido ao desinteresse pelo gênero, paradoxalmente, depois de ocupar-se da descrição de seus elementos mais característicos. Mais tarde se somarão a esta premissa Fernando Alegria, Enrique Anderson Imbert e José Zamudio os quais, incorporando a tese do mestre, prognosticarão o final do romance histórico a entrada do fim do século XIX e princípios do século XX; Também Ainsa insinua um esgotamento próximo do gênero em questão.

PRESENTACIÓN

DOSSIÊ: FERNANDO AÍNSA: UN PRECURSOR – REESCRITURAS DEL PASADO EN LAS ÚLTIMAS DÉCADAS DEL SIGLO XX

ZANDANEL, Maria Antonia (Universidad Nacional de Cuyo/Argentina)
mazandanel@hotmail.com

*FLECK, G. Francisco (Universidade Estadual do
Oeste do Paraná-UNIOESTE/Brasil)*
chicofleck@yahoo.com.br

Estimados Lectores, nuestros cordiales saludos.

Este número da *Revista de Literatura, Historia y Memoria* viene a prestar un homenaje merecido y necesario al crítico Fernando Aínsa por sus inúmeras contribuciones a los estudios con los cuales este dossiê se involucra. Entre los muchos artículos y libros producidos por Fernando Aínsa está siempre presente la temática de la reescritura del pasado por la ficción, tema que nos toca profundamente como sujetos latinoamericanos.

Reescribir el pasado, según las hipótesis apuntadas por el crítico de origen aragonés y uruguayo por adopción, Fernando Aínsa, en sus breves pero significativos ensayos acerca de los temas que hoy nos ocupan, perfila una de las construcciones discursivas más destacadas de las últimas décadas del siglo XX y la primera del XXI. Estas narraciones marcan rumbos y señalan caminos. Nominadas hoy como Nuevas Novelas Históricas, llamadas también por Aínsa Reescrituras de la Historia, constituyen registros que ponen de manifiesto una serie de rasgos que realzan las características más destacadas de cierta narrativa de las últimas décadas. Es notable el reiterado interés que el género despierta sobre todo si tenemos en cuenta que algunos críticos habían hablado ya de su desaparición, por agotamiento, en tempranos escritos que se refieren al tema¹. Estas novelas requieren una aguda mirada para distinguir las diferencias que se pueden establecer entre lo que consideramos aspectos cabalmente históricos y aquellos que con claridad pertenecen al ámbito de la ficción. Fernando Aínsa traza en apretada síntesis un panorama de períodos de la historiografía que atrajeron a los escritores para textualizar, con un sentido crítico, momentos del pasado histórico. Después de superar la complejidad y el carácter experimental de la novelística anterior, los

escritores se interesaron y destacaron ciertos temas:

La nueva ficción se ha embarcado en la aventura de releer la historia, recorriendo con una mirada crítica el período colonial, el de la ilustración y la independencia y, con un sentido revisionista, el siglo XIX e inicios del XX. Parece como si después de las obras complejas, experimentales y abiertas a todo tipo de influencias que caracterizó la novelística de los años sesenta y el inmediatez palpante de los años setenta, la narrativa hubiera necesitado incorporar el pasado colectivo al imaginario individual a través de una perspectiva decantada en el tiempo. (AÍNSA, 2003, 75).

Más allá de las diferencias que se instalan entre estos registros historiográficos y novelescos, Aínsa destaca que aquello que los unifica se asienta en el hecho de que ambos recurren al discurso para formalizar las respectivas relecturas de la historia. Historia y ficción apelan al discurso para la formalización de sus pertinentes configuraciones. Esto permite establecer entre ambas formas de representación diferencias epistemológicas significativas. El universo extratextual referencial se incorpora al mundo ficcional con una libertad tanto interpretativa como discursiva que le confiere nuevos modos de representar la realidad. El rescate de los diversos momentos del pasado, tergiversados, adulterados, frecuentemente discutidos o desautorizados, buscará también los modos más apropiados para representar los modelos donde se implante aquello que se pretende ficcionalizar.

La década de los ochenta se caracteriza por una “vigorosa corriente de ficción histórica latinoamericana que, según todo lo indica, seguirá dominando la narrativa de los próximos años”. (AÍNSA, 1991, 15). A nuestro entender, es en 1988 cuando Aínsa dejará, en el diario *El Nacional* de Caracas, un temprano testimonio de un fenómeno que, con el tiempo, habría de teñir las nuevas composiciones escriturales de cuño histórico, con la intención de transmutar un paradigma genérico de novela histórica. Esta renovación escritural modificaría esos registros que tuvieron su origen en los escritos de Walter Scott (1771-1832) y Alfred de Vigny (1797-1863). Los escritos, desde formulaciones diversas, aportan a las escrituras una serie de rasgos transgresores que en poco tiempo formalizarían un paradigma no unívoco, sino portador de significativas mudanzas entre cada novela, para establecer nuevas formas de incorporar la materia historiográfica en el discurso ficcional.

Pocos años después, en 1991, otro destacado investigador, orientará los estudios de los que nos ocupamos a partir de una obra señera a la que tituló *La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992*. Nos referimos en este caso

de lo que considera un nuevo modo de ficcionalizar la historia. Al mismo tiempo, formalizará un modo de escritura que caracterizará amplia y significativamente los registros de las últimas décadas del siglo XX. Éstos se ajustan a los modos de relacionarse con los datos de la historia y de la misma realidad. Estas escrituras adoptan modalidades capaces de rescatar hechos del pasado con intenciones y finalidades muy diversas de aquellas que formalizaron otros modos de insertarse en él, como el crítico señala, para crear “una búsqueda de sentido”. En estos escritos más que el testimonio de la “verdad” de la cual hoy se descrea y cuya legitimidad fue puesta en tela de juicio, se busca visitar el pasado para alterar libremente aquellos momentos que los documentos oficiales registran como auténticos.

Estos escritos se interesan no tanto en los testimonios historiográficos que buscan la mayor objetividad respecto de los hechos que se narran, sino que, por el contrario procuran desentrañar la historia silenciada, los hechos encubiertos, ignorados por los propios testigos de los abusos cometidos. Este nuevo modo de representar el pasado en las nuevas novelas históricas, desde perspectivas polifónicas e intertextuales, se interesa en él para recuperar aspectos encubiertos o ignorados en los registros tradicionales, como se ha reiteradamente destacado. A esto que señalamos como un rasgo caracterizante, agrega además el crítico uruguayo:

Se vertebran con mayor eficacia los grandes principios identitarios americanos o se coagulan mejor las denuncias sobre las “versiones oficiales” de la historiografía, ya que en la libertad que da la creación se llenan vacíos y silencios o se pone en evidencia la falsedad de un discurso. (AÍNSA, 1997, p. 113-114)

Aínsa enumera una serie de características que presentan rasgos identificables dentro de los nuevos paradigmas ficcionales. Estos rasgos van delineando las nuevas formulaciones narrativas las cuales adoptan en cada caso una serie de señas particulares que las caracterizan. La taxonomía enunciada por Aínsa establece aspectos precisos, de inestimable ayuda a los efectos de caracterizar las obras seleccionadas. Anotamos, a seguir, algunas de sus proposiciones:

- 1-La nueva novela histórica se caracteriza por efectuar una relectura del discurso historiográfico oficial, cuya legitimidad cuestiona
- 2-La nueva novela histórica ha abolido la “distancia épica” (Mijail Bajtin) de la novela histórica tradicional, al mismo tiempo que ha eliminado “la alteridad del acontecimiento” (Paul Ricoeur) inherente a la historia como disciplina
- 3-Esta abolición de la distancia épica se traduce en una deconstrucción y “degradación” de los mitos constitutivos de la nacionalidad.

- 4-La historicidad del discurso ficcional puede ser textual y sus referentes documentarse con minucia o, por el contrario, la textualidad revestirse de las modalidades expresivas del historicismo a partir de una "pura invención" mimética de crónicas y relaciones.
- 5-La nueva novela histórica se caracteriza por la superposición de tiempos diferentes.
- 6-La multiplicidad de puntos de vista impide acceder a una sola verdad histórica
- 7-Las modalidades expresivas de la novela histórica son muy diversas.
- 8-La nueva novela histórica se preocupa por el lenguaje y utiliza diferentes formas expresivas - el arcaísmo, el "pastiche" y la parodia - para reconstruir o desmitificar el pasado.
- 9-La nueva novela histórica puede ser el "pastiche" de otra novela histórica. (AINSA, 1991, 18-30).

Con amplitud aporta estos rasgos al estudio de estos nuevos paradigmas, los correspondientes a registros actuales destinados a convulsionar el mundo de las letras desde la segunda mitad del siglo XX. El fenómeno editorial continúa su marcha y los estudios en torno a estos escritos que rescatan el pasado histórico con miradas muy diversas siguen inundando el mundo de las letras, ocupándose particularmente de los registros, los episodios, los personajes y las modalidades que sus escritos van adquiriendo en los diversos países de la América Latina: principalmente en Brasil, México, Argentina y Chile.

Gracias a la mirada precursora de Fernando Ainsa, quien, junto a otras figuras que consolidaron los rasgos de un modelo, fuera uno de los primeros críticos en señalar y en perfilar los rasgos caracterizadores de la nueva novela histórica más allá de sus amplísimas variantes, se habrían de ensanchar y vigorizar los estudios literarios teniendo en cuenta, en primer lugar, un singular *corpus* de obras que elegían *prima facie* la materia histórica para su formalización. Por otra parte, como consecuencia, asistimos al desarrollo de los estudios críticos que habrían de profundizar el uso de los diversos aspectos ya señalados y que caracterizan a estas producciones cada vez más alejadas del modelo propuesto por sus creadores y cuya vigencia permanece inalterada hasta la actualidad. El regreso al pasado se mantiene como un desafío para los escritores a lo largo del tiempo.

Los textos reunidos en esa edición de nuestra *Revista de Literatura, Historia y Memoria*, que se dedica a homenajear nuestro iluminado crítico, son ejemplos de lo cuanto los aportes de Fernando Ainsa a esa temática de las lecturas de la Historia por la ficción son vigorosos y útiles para el trabajo de análisis de nuestra producción literaria en el campo de los géneros híbridos de la contemporaneidad. Deseamos a todos nuestros estimados lectores un ejercicio de lectura y reflexión fructífero, así como fue el de organizar esta edición especial de la Revista.

Cordiales saludos de los organizadores: Maria Antoni Zandanel (UnCUYO – Mendoza/Argentina) y Gilmei Francisco Fleck (UNIOESTE/Cascavel-PR-Brasil).

NOTAS

- ² Debemos a Amado Alonso esa extraña premonición que vaticina el ocaso de la novela histórica debido al desinterés por el género, paradójicamente, después de ocuparse de la descripción de sus rasgos más característicos. Más tarde se sumarán a esta premisa Fernando Alegría, Enrique Anderson Imbert y José Zamudio quienes, incorporándose a la tesis del maestro, habrán de pronosticar el final de la novela histórica hacia fines del siglo XIX y principios del siglo XX; También Aínsa insinúa un próximo agotamiento del género en cuestión.
- * Camila Bari es Ph. Doctora en Literatura Hispanoamericana y Lengua Española. Licenciada y Profesora en Letras por la Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, Argentina. Se desempeña como profesora asociada en Westminster College, investigadora del Center for Latin American Studies, University of Pittsburgh.

PRESENTATION:

**FERNANDO AÍNSA: A PRECURSOR – RE-WRITING HISTORY IN
THE LATE 20TH CENTURY**

ZANDANEL, Maria Antonia (Universidad Nacional de Cuyo/Argentina)

mazandanel@hotmail.com

*FLECK, G. Francisco. (Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE/
Brasil)*

chicofleck@yahoo.com.br

*Translation: BARI, Camila (Westminster College Center for
Latin American Studies, University of Pittsburgh)**

baridec@yahoo.com

Dearest readers, we offer you our cordial greetings.

This edition of our *Literature, History and Memory Magazine* pays a deserved and necessary homage to Fernando Aínsa, the literary critic, for his numerous contributions to the studies with which this magazine has been involved for many years. Among all the articles and books produced by Fernando Aínsa, the rewriting of the past by means of fiction is always present, a theme that touches us profoundly as Latin American subjects.

According to the hypothesis presented by Fernando Aínsa, the literary critic from Aragon, Spain, who adopted the Uruguayan nationality in his short but enlightening essays, historical novels are one of the most outstanding literary productions of the late 20th and early 21st centuries.

Historical narratives are leading the way in Latin American literature. They have been named New Historical Novels, and also Rewritten History, as Aínsa prefers to call them. They constitute registers that highlight the characteristics of the most recent Latin American narrative.

The constant interest in this genre is noteworthy, especially if we take in account that some critics had already announced very early that it will soon disappear due to exhaustion.¹

These novels require a penetrating look to distinguish the differences that can be made between those aspects that may be considered as fully historical and those that clearly pertain to the sphere of fiction. Fernando Aínsa makes a short summary of those periods in historiography that became more attractive for writers to produce texts with a critical view of the past. Overcoming the complexity and experimental mood of the preceding novelistic production, writers took interest in some topics that they highlighted in their novels:

The new fiction is embarked upon the adventure of rereading history running critical eyes over the colonial period, the enlightenment and the independence, and, with a revisionist sense, the 19th and beginning of the 20th centuries. It seems that after the complex and experimental works of the 60s open to all kind of influences and after the throbbing immediacy of the 70s, novels would have felt the need to incorporate the collective past to the individual imaginary from a perspective already decanted by time. (AÍNSA, 2003, 75).

Beyond the differences between historiography and fictional writing, Aínsa points out to the fact that both share the use of discourse to shape their particular rereading of history. History and fiction appeal to discourse to give form to their specific configurations. This fact allows the finding of distinctive epistemological differences between both forms of representation. The referential universe outside the text is incorporated into the fictional world with a complete interpretative and discursive freedom allowing new ways of representation. Different moments of the past will be rescued, twisted, falsified, often disputed or disavowed, looking for the most appropriate ways to represent the models where to implant the facts to be fictionalized.

The 80s are characterized by a “strong trend of Latin American historical fiction which, as everything seems to indicate, will continue to dominate the narrative scene in the coming years” (AÍNSA, 1991, 15). In 1988, in *El Nacional* of Caracas, Aínsa gave an early testimony of a phenomenon that, with time, would taint all the new historical writings with the purpose of transmuting the paradigm of the historical novel. The renewal of the writing practices would modify the paradigm that originated in the novels of Walter Scott (1771-1832) and Alfred de Vigny (1797-1863). New writings, from diverse formulations, will contribute a series of transgressor features that will soon form not a univocal paradigm but one that will carry significant changes in each novel, in order to establish new forms of incorporating the historiographical material into the fictional discourse.

Some years later, in 1993, Seymour Menton, another renown researcher, took the lead in the field of studies on the historical novel, when he published a unique work: *La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992*. This is perhaps the most quoted work on the topic and the one that had more repercussions in Latin American literature.

When studying the so called New Historical Novel, the names of Fernando Aínsa and Seymour Menton stand out as the most important and pertinent. Both acknowledged early the literary emergence of historical novels and directed their efforts to its study, both traced a theoretical frame in order to outline the essential

features of this writings, and, in order to highlight their defining characteristics, they also applied themselves to register titles of works that, as a whole, constitute a rich *corpus* of readings showing the magnitude of the genre. As per the theoretical frame, Menton stresses the carnival features, while Aínsa gives more significance to parody (VIU, 2007, p. 90).

Acknowledging the diverse modulations that each of them gave to the series of characteristic features of the historical novel within their own theoretical frames, Menton and Aínsa deserve the name of precursors in these studies. Nevertheless, Menton gives priority to Ángel Rama, the ill-fated Uruguayan critic, as the first one to recognize the new trend and to give a name to it in the prologue to his anthology of the *Novísimos Narradores hispanoamericanos en Marcha 1964-1980*, published in 1981, where Rama declared *Yo el Supremo* by Augusto Roa Bastos and *Terra Nostra* by Carlos Fuentes as significantly innovative registers that put an end to the historical novel paradigm of Romanticism. In 1983, in academic conferences, Menton disclosed some of his ideas about the new historical novel that he will develop later in his important book.

However, without any doubt, Aínsa was one of the first critics that went in depth into the study of the new arrival in the Latin American cultural horizon. In fact, he pointed out the main characteristics of these writings. His ideas originated a series of documents that soon generated a variety of theoretical essays, which in turn facilitated the influence of his reflections on to diverse studies. Literary critics benefit from Aínsa's theories to approach their own analysis and to acknowledge the profusion of similarities and divergences that appeared in the genre. Today, these pages aim to give recognition to Fernando Aínsa's deep reflections on the topic.

In many of his articles, Aínsa gives testimony of the new way to fictionalize history and, at the same time, he characterizes the new writing style, according to their approaches to historical data and to reality itself, in a wide and significant corpus of works produced by the end of the 20th century. These writings adopt several forms to rescue the facts from the past with a purpose that differs greatly from other ways of visiting the past to satisfy 'a search for meaning'. The rewriting of history, more than offering a testimony of 'truth', which is today received with skepticism, and which legitimacy has been called into question, intend to revisit the past to freely alter those moments that the official documents register as authentic.

These registers are interested not so much in the objectivity of historiographical testimonies in connection with the facts in the narration but, on

the contrary, they try to decipher the history that has been silenced, the facts that have been concealed and ignored by the same witnesses of the abuses. As the critics have reiterated many times, this new way of representing the past in the new historical novels, from polyphonic and intertextual perspectives, searches the past to uncover hidden aspects that the traditional novels had ignored. To this characteristic feature, Aínsa adds the following:

[...] the great identity principles of [Latin] America are vertebrated with more efficiency, or the denunciation against the “official versions” of historiography do coagulate better, since the freedom allowed by creation fills in the voids and the silences, or demonstrate the fallacy of a discourse. (AÍNSA, 1997, p. 113-114).

Aínsa gives a series of characteristics of the new forms of narration, with identifiable features and distinguishing marks that delineate them. Aínsa's taxonomy establishes precise aspects that are extremely helpful at the time of characterizing a work. We point out below some of his propositions:

- 1-The new historical novel makes a rereading of the official historiographical discourse, which legitimacy is called into question.
- 2-The new historical novel has abolished the “epic distance” (Mijail Bajtin) of the traditional historical novel, and at the same time has eliminated “the objectivity of the events” (Paul Ricoeur) inherent to history as a discipline.
- 3-The abolition of the “epic distance” leads to a deconstruction and “degradation” of the constitutive myths of national identity.
- 4-The historicity of the fictional discourse might be literal and its referents might be documented minutely or, on the contrary, the text might dress itself with the expressive ways of history although it stems from a “sheer invention” that mimics the chronicles and accounts.
- 5-A characteristic feature of the new historical novel is the superimposition of different times.
- 6-The multiple points of view prevent the novel from presenting only one historical truth.
- 7-Historical novels have a variety of very diverse expressive styles.
- 8-In order to reconstruct or demystify the past, the new novel pays attention to language and uses different forms of expression: archaism, ‘pastiche’ and parody.
- 9-A new historical novel may be the ‘pastiche’ of another historical novel. (AÍNSA, 1991, 18-30)

In his scholarly research, Aínsa gives ample room to these new paradigms as they appear in new registers that are causing a stir in the literary world since the

second half of the 20th century. The publishing deluge goes forward, and the critique around these writings, that rescue the past from different perspectives, continue flooding the field of literary studies, paying special attention to registers, episodes, characters and the diverse modulations of these novels in some Latin American countries: Argentina, Brazil, México and Chile.

Fernando Aínsa is a precursor because he was one of the first critics to point out and define the characteristic features of the new writing phenomenon. Other critics consolidated the features of the new literary model. Beyond its multiple configurations, the model was to broaden and strengthen the literary studies that first took into account a singular *corpus* of works formulated *prima facie* on the basis of historical data, and then went in depth into the study of the characteristic features of the new historical novels that are becoming more and more distant from the original model created by Walter Scott y Alfred de Vigny.

The texts we brought together in this edition of our Magazine of Literature, History and Memory – which are dedicated to homage our Uruguayan critic, are examples of how the theories developed by Fernando Aínsa, concerning the readings of History by means of fiction, are vigorous and useful for the analysis of our literary production on the field of the contemporary hybrid writings. We wish to our estimated readers a pleasant and joyful exercise of reading and reflection in the same way as it was to organize this especial issue of of the Magazine.

Greetings to everybody from the organizers: Maria Antonia Zandanel (UnCUYO – Mendoza/Argentina) y Gilmei Francisco Fleck (UNIOESTE/Cascavel-PR-Brasil).

NOTES

^{*} Camila Bari es Ph. Doctora en Literatura Hispanoamericana y Lengua Española. Licenciada y Profesora en Letras por la Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, Argentina. Se desempeña como profesora asociada en Westminster College, investigadora del Center for Latin American Studies, University of Pittsburgh.

¹ Amado Alonso, after describing the characteristics of historical novels, made a surprising and paradoxical prediction about the demise of the historical novel due to lack of interest in the genre. Later on, following Alonso's thesis, Fernando Alegria, Enrique Anderson Imbert and José Zamudio predicted the end of historical novels by the turn of the 20th century; even Aínsa suggested that the genre was close to an end.